

COLUNA

TRAVESTI PRETA NÃO É BAGUNÇA

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Madame Satã: o abre-caminho das travestis e das bichas pretas



Madame Satã

Leitoras e leitores, é um prazer escrever esta coluna para vocês. Os textos aqui publicados serão dedicados às narrativas de travestis negras que viveram, amaram, marcaram e lutaram pelos direitos da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) no Brasil. Há poucos dados das trajetórias dessas travestis negras, pois a política de extermínio da população com descendência africana foi e é endossada a cada minuto que se passa. Pensar, então, corpos de homens, biologicamente, que socialmente são mulheres, e considerar que esses corpos dos quais falamos são corpos negros, é enfrentar um discurso hipersexualizador secularmente amoldado às diversas fases da História.

Mesmo admitindo as dificuldades que se impõem em recalcar os pés nos caminhos dessas narrativas negras, é possível sim colocarmos o silêncio para

falar. É possível sim recontar o que fora contado e fadado ao mutismo pelo alheamento gerado por uma sociedade, no caso a nossa mesmo, cuja base educacional advém do livro de história e estórias dos vencedores. Não fomos treinadas/os para olhar a/o negra/o; não digo o “outro”, digo a/o negra/o, pois as indeterminações não cabem quando sabemos de quem falamos. Portanto, o que lhes convido a realizar é olharmos, conhecermos e apreciarmos nesta coluna as belezas, tristezas e graças das histórias de...de...de...de...de travestis negras! Foram cinco e mais dois zeros (500 anos) de muitos “Des”, de muito gaguejar para falar, de voz presa no estômago, pois esta girava nas entranhas e nem chegava à garganta. Desrespeito. Deslegitimação. Demonização. Desmoralização. Depreciação. Agora, as travestis negras falarão! Ouçamo-las sem nenhum ou sem um ponto-final...

Falo de Lucy porque não há como se falar em fósseis humanos sem falar da nossa jovem mais jovem de todos os tempos; pelo menos até agora. O que escrevo de alguma maneira já fora escrito em algum lugar do mundo, mas nunca é tarde para reescrever para os olhos que me leem e para os ouvidos que me escutam nas suas próprias vozes. Lucy é clássica, é um assunto clássico. Critiquemos, às vezes, os clássicos, mas voltemos a eles para honrar ou criticar as/os que a nós foram anteriores. É por isso que lhes convido a voltarmos à história da gloriosa e controversa Madame Satã, que assim como as mulheres negras são as mães da Humanidade, a Madame é a mãe do movimento de travestis e bichas pretas e que também já teve, assim como Lucy, sua história contada, mas que implica sempre na recontação. Rainha da Lapa. A musa da canção *Mulato Bamba*, de Noel Rosa. A Madrinha de Carmen Miranda. A inspiradora da peça *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Holanda...é dela que passo a falar.



Foto: Cena do Musical Madame Satã, dirigido por João das Neves e Rodrigo Gerônimo e encenada pelo Grupo dos Dez.

Nascida em 25 de fevereiro de 1900, virada do século, virada no gênero, virada na vida e depois viada vivida, chamavam a nossa Madame de João Francisco dos Santos. Todavia, desde muito cedo João aprendeu a ser e se virar ou transformar-se em dois; enquanto uma parte dele enganava a vida paupérrima, a outra parte balbardiava e abria os caminhos para corpos até aquele momento marginalizados tal qual o dele. Ao nascer, sua mãe lhe trocou por uma égua; isso mesmo, você não leu nada errado. João Francisco dos Santos foi trocado por uma égua, pois a sua mãe precisava criar os seus outros dezessete irmãos. Não havia outro jeito, ele precisava ser a Madame Satã. A Madame lidava com as indelicadezas da vida as quais a solução era tentar compreender de qualquer forma; já o Satã lidaria com as brutalidades que lhe aparecessem no caminho. O próprio nome tendo em si o masculino e o feminino – Madame x Satã – transgride as normas dos gêneros. Se a inteligibilidade social era a de um corpo de um sujeito uno, indivisível, simétrico, negro viril, heteronormativo, a Madame era a bifurcação dessas unicidades. Sendo a bifurcação, era também os búzios que denunciavam que o que é tido como masculino e o que é tido como feminino se atravessam sem pedir licença à sociedade. Era preciso mesmo ser dois em um para enfrentar todo o racismo latente que ainda grassava nas primeiras décadas do século XX. Era preciso ser dois para enfrentar um golpe militar, instaurado no Brasil em 1964, que reprimia todo sujeito considerado “degenerado”, “anormal”, “doente” ...

A mesma Ditadura Militar que vez o ilustre Chico Buarque de Holanda se retirar do país, a mesma que exilou na Itália por anos Elza Soares e Mané Garrincha,

a mesma que assassinou Carlos Lamarca com apenas 34 anos, a mesma que obrigou a cantora Elis Regina a cantar para os militares em rede nacional, a mesma que explodiu uma bomba dentro da Diocese de Santo Antônio de Jacutinga de Nova Iguaçu, acusando o então e já falecido bispo, Dom Adriano Hipólito, de ser comunista, e a mesma que torturou e sumiu com tantos desafetos políticos não fora capaz de fazer com Madame Satã, que bravamente cruzou mais de meio século na boemia da Lapa.

Amiga de Noel Rosa, o grande sambista carioca, a Madame foi cantada na canção Mulato Bamba, a qual descrevia Satã da seguinte maneira:

Esse mulato forte é do Salgueiro/ Passear no tintureiro/ É o seu esporte/ Já nasceu com sorte/ E desde pirralho/ Vive às custas do baralho/ Nunca viu trabalho/ E quando tira um samba/ É novidade/ Quer no morro ou na cidade/ Ele sempre foi o bamba/ As morenas do lugar/ Vivem a se lamentar/ Por saber que ele não quer/ Se apaixonar por mulher (...) / (...) Sei que ele anda agora perseguido/ Sempre; a toda hora/ Ele vai-se embora/ Para se livrar/ Do feitiço e do azar/ das morenas de lá (...).

Como vemos nas últimas partes da canção, Satã era perseguida, mas não deixava cair da cabeça seu chapéu de malandro e do pescoço o seu boá de travesti. Presa mais de 6 vezes por desacato, em 1928 fora outra vez encarcerada acusada de assassinar um policial. Numa briga de bar, sendo insultada por ser quem era, Madame Satã deu um golpe na boca do estômago do policial que caindo no chão bateu com a cabeça no meio-fio e morreu. Mais uma temporada aprisionada ficaria Satã. Em uma das prisões, quando estava encarcerada em Ilha Grande, a travesti empreendeu uma fuga com os companheiros de cela Pepe e Americano. Os três se jogaram no mar e singraram as águas a nado até a praia do Leblon. Exausta pela dificultosa e inusitada tentativa de fuga, Satã foi presa nas areias da praia por um guarda que já conhecia as astúcias e resistências da Madame.

O nome Madame Satã surgiu de uma das saídas da cadeia que a travesti teve. Era o carnaval de 1938, e utilizando a fantasia de Madame Satã, João Francisco dos Santos figurou no desfile de rua levando a alcunha que a conhecemos até hoje. Muitos dirão que Madame não era travesti, mas que simplesmente transitava entre os gêneros. Eu digo que era travesti sem medo de errar. Era à noite que ele se apresentava travestido de mulher em cabarés decadentes nas circunvizinhanças da Praça Tiradentes, Lapa, Centro...



Ator Lázaro Ramos interpreta Madame Satã em filme dirigido por Karim Aïnouz em 2002.

Era nas noites, como mulher travesti, e não homem, que Madame entoava canções de Nelson Gonçalves, símbolo de virilidade à época, enfrentando o machismo de muitos frequentadores dos cabarés; frequentadores que a xingavam, ao passo que outros respeitavam a Madame Satã. E alguns outros optavam por insultá-la e enfrentá-la na mão ou na cama nos finais das badaladas noites. Isso é o que mostra o filme “Madame Satã”, cuja personagem travesti da qual falamos foi interpretada pelo ator Lázaro Ramos, em 2002. Em 2015 nossa Madame foi homenageada pela escola de samba carioca Portela, no enredo que falava dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro.



Ator Ailton Graça interpretou Madame Satã durante desfile do GRES Portela, no desfile de 2015.

Após tudo quanto falei de Madame Satã, gostaria de terminar este texto com uma definição própria que a própria travesti traçou de si. Antes de falecer aos 76 anos de idade, a Madame concedeu uma entrevista ao jornal responsável por um importante movimento de contracultura no país, o jornal *O Pasquim*, semanário alternativo brasileiro, editado entre 26 de junho de 1969 a 11 de novembro de 1991. Nessa entrevista, em 1971, em pleno anos de chumbo, sem a promulgação da Lei da Anistia por João Figueiredo, a travesti disse encorajada: “Sou filha de Iansã e Ogum”. É essa a nossa eterna e primeiríssima travesti negra. Mãe e pai de família, pois adotou mais de 3 filhos; filha de Iansã e Ogum; e como diz o título do texto desta coluna: o abre-caminho (planta usada na Umbanda contra demandas e para aberturas de difíceis veredas da vida) das travestis e das bichas pretas.

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva



Graduando em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Professor de Língua Portuguesa na instituição CIEP 026 São Vicente de Paula; Professor de Introdução à Arte Ocidental, na Escola de Artes da Baixada; Pesquisador de Educação e Saúde da população travesti, na Fundação Oswaldo Cruz; membro do Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades (LEGESEX-UFRRJ); membro do grupo de estudos em Gênero, Imagem, Discurso (GEIDIR-UFRRJ); pesquisador institucional da UFRRJ em manuscritos contemporâneos e genética da escrita de Carolina Maria de Jesus; membro da Comissão de Avaliação Própria (CPA) da UFRRJ.